

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

# **Efetivando o discurso da participação. Metodologias não convencionais em duas políticas públicas no interior da Bahia (Brasil).**

Valéria Giannella, Cybele Amado y Fábila Calasans.

Cita:

Valéria Giannella, Cybele Amado y Fábila Calasans (2009). *Efetivando o discurso da participação. Metodologias não convencionais em duas políticas públicas no interior da Bahia (Brasil)*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1188>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# **Efetivando o discurso da participação**

**Metodologias não convencionais  
em duas políticas públicas no interior da Bahia (Brasil)**

**Valéria Giannella**

*Professora visitante CIAGS-UFBA, pelo apoio do CNPq.  
valeriagiannella@gmail.com*

**Cybele Amado**

*Mestranda CIAGS-UFBA  
cybeleamado@terra.com.br*

**Fábia Calasans**

*Mestranda CIAGS-UFBA  
fabiacalasans@yahoo.com.br*

## **1. Introdução\*<sup>i</sup>**

A origem do conceito de Metodologia não Convencional (MnC) depende de uma experiência direta em um contexto de Políticas Públicas de desenvolvimento local. Vivenciei, de 2006 a 2007, dois anos de intensa colaboração e envolvimento no processo de desenvolvimento local participativo em uma região extremamente carente da cidade do Salvador (Bahia). Decorrente disto, em um momento de avaliação do que foi feito para pensar e implementar, de forma participativa um cenário futuro, me ocorreu que estávamos repetindo uma liturgia consolidada - a dos processos participativos, e usando métodos que ignoravam a especificidade daquele contexto. Estávamos privilegiando o pensamento lógico-verbal (a análise, a fala e a escrita baseada na

dimensão exclusivamente racional), em um lugar cujo índice de analfabetismo é impressionantemente elevado; onde o hábito das pessoas lidarem com questões de interesse público é extremamente desfavorecido pela cultura dominante, pelas necessidades urgentes que ocupam a maioria do tempo, e pelo interesse escasso que estas práticas instigam nestes meios. O que estava faltando para que nosso discurso sobre participação não fosse, de fato, um discurso vazio?

Uma tentativa para avançar nesta reflexão está no reconhecimento de pelo menos dois aspectos distintos dentro do conjunto de fenômenos que descrevemos como falhas da participação: as falhas acontecem; a) porque *não sabemos* fazer diferente e, b) porque *não queremos* fazer diferente. O primeiro aspecto remete ao fato que o paradigma positivista já marcou tão fortemente nossa educação, socialização e, finalmente, nossa maneira de ver e estar no mundo que continua orientando nossa ação até quando entra em contradição com os fins que nos guiam. Podemos observar que, mesmo onde já existe um esforço de redefinição teórico e paradigmático, nossas práticas ainda estão marcadas pela tradição e educação dominante. Os tempos necessários para que as novas teorias se encarnem em novas práticas nunca são breves. Nesse aspecto está nosso foco.

Delimitamos então nosso campo de atenção às falhas que acontecem porque *não sabemos fazer diferente* e avançamos na hipótese que sejam devidas à persistente dominância de um marco teórico positivista. Por outro lado essa hipótese é completada pela tese, a ser testada, que seja possível evitar essas falhas através da adoção inequívoca de uma abordagem pós-positivista e das Metodologias não Convencionais (MnC). Com base neste conjunto de hipótese e tese é possível avaliar processos de intervenção e revê-los criticamente, assim como debruçar-se na idealização de novos processos de ação para o tratamento de situações-problema. Configura-se assim um programa de pesquisa que aqui inauguramos expondo sucintamente as bases teórico-práticas da virada paradigmática e do marco teórico das MnC, e apresentando dois casos de Políticas Públicas realizados em setores e em territórios distintos do interior do estado da Bahia, em que se encontra aplicada uma abordagem não convencional.

## **2. A herança do positivismo**

O que nos chama atenção é o fato que as teorias e práticas da participação parecem estar ainda embebidas de convicções e implícitos próprios do paradigma positivista e ignorando (se bem que com algumas boas exceções), o que as mais recentes reflexões paradigmáticas e as mais avançadas pesquisas sobre a neurofisiologia humana, têm para nos dizer. Elas apontam para a

necessidade de reconsiderarmos as antigas dicotomias que organizaram longamente nossa visão de mundo. Razão e emoção, corpo e mente, a inteligência analítica e a intuitiva, artística, sensível, são âmbitos que uma visão simplista e reducionista de ciência separou, mas que podem operar em interação e sinergia, de forma cooperativa e harmônica.

Qualquer abordagem que pretenda incluir na gestão do bem público não apenas os técnicos (cuja visão de mundo é profundamente moldada pela própria formação de matriz positivista), e sim a multiplicidade dos sujeitos sociais, com as imensas diferenças de visão, poder, cultura, valores, que os caracteriza, não pode evitar esta busca. Precisamos de novos referenciais e métodos capazes de ultrapassar as visões dicotômicas e operar a recomposição entre cérebro e coração, razão e emoção, ciência e arte, instrumentalidade e ética, teoria e prática, só para citar algumas das tantas cesuras que o paradigma dominante nos deixou como herança.

### **3. Metodologias não Convencionais - O que podemos afirmar**

Esta definição objetiva apontar, ao mesmo tempo, a certeza de uma negação e a incerteza e abertura de uma busca. Apesar da aparente fraqueza de uma definição negativa, ela sinaliza o estado das coisas na fase que encontramos. Temos certeza do que *não* queremos, do que *não* serve para alcançar nossos objetivos de inclusão e participação na esfera pública, do que precisamos desconstruir dentro das nossas visões de mundo, das nossas formações. Os novos paradigmas e métodos estão em construção e o que, concretamente, nos ajudará a galgar nossos objetivos ainda está parcialmente indefinido. Dito de forma explícita: os referenciais teóricos e as técnicas oriundas do paradigma positivista precisam ser ultrapassados, pois já demonstraram não ter chances de sucesso no mundo da complexidade, mas ainda não temos um mapa completo do que os substituirá.

Falamos há quase duas décadas, de inclusão e participação, mas nossos métodos e técnicas ainda privilegiam, evidentemente, os que sabem, os que dominam os códigos da racionalidade linear e instrumental, os que tem poder (de informação, de fala e de oposição). Ignoramos assim, não apenas os muitos excluídos por estes códigos, mas também o próprio fato que estas formas de expressão são apenas uma parte limitada de nossas possibilidades de entender e interpretar o mundo enquanto humanos, e que é preciso se re-apropriar de outras formas que o paradigma convencional nos levou a esquecer.

Isso implicará em um resgate profundo da integralidade do humano em nossos processos e em uma possibilidade mais apurada de inclusão dos que não têm saber codificado nas formas convencionais (o que não significa que não tenham saber ou sabedoria), que não raciocinam conforme o padrão do método científico e que têm, muitas vezes, vivências de exclusão extrema, refletida também na expropriação cultural, e total falta de controle sobre suas perspectivas de vida. Para esses sujeitos resgatarmos suas vozes, não podemos apenas chegar com nossos projetos lhes propondo participar! Temos que re-inventar juntos as formas da expressão individual e coletiva para atingirmos o ponto de nos re-apropriarmos de nossa integralidade de seres sentir-pensantes (MORAES; TORRE, 2004). Está nessa direção a busca de um novo “saber fazer” em resposta às falhas da participação (resquícios de tecnicismo, falta de escuta, tendência à manipulação) que podem ser atribuídas ao “não sabemos fazer diferente” lembrado acima.

Com base no que foi dito, podemos definir as não Convencionais enquanto metodologias: assumidamente não tecnicistas<sup>ii</sup>; que visam propiciar a produção de conhecimento interativo<sup>iii</sup>; e que pretendem valorizar as competências reais dos sujeitos envolvidos em cada processo e mobilizar na esfera pública toda a riqueza do humano. Cabem nessa definição as muitas técnicas voltadas à mobilização da inteligência coletiva, à gestão de trabalho de grupo, análise, interpretação e solução participativa de situações-problema<sup>iv</sup>. Objetivando o acesso a uma percepção mais rica e integrada do real, tais técnicas incluem o recurso às artes e ao lúdico como instrumentos potencialmente poderosos, porque tocam teclas, despertam e legitimam sensibilidades outras com respeito àquelas puramente racionais. São meios que nos levam a integrar as nossas múltiplas inteligências, como, por exemplo, a analítico-racional com a estética, a intuitiva, a sensível, dando um fim ao longo domínio de uma visão unívoca e mono-dimensional do real.

Pode se dizer que as Metodologias não Convencionais são instrumentos decorrentes de uma nova visão paradigmática, os quais nos auxiliam no ensino e na prática de qualquer disciplina que pretenda lidar com a complexidade das sociedades humanas<sup>v</sup>.

Feita esta primeira colocação teórica passamos agora à descrição de dois casos nos quais a maneira de se interpretar a participação, através da adoção das MnC, permite escapar as falhas citadas na introdução deste artigo e podem contribuir com a construção de políticas de desenvolvimento capazes de dialogar com os contextos e mobilizar inteligências e saberes normalmente esquecidos.

#### **4. Da sala de aula às Políticas Públicas: o nascimento do Projeto Chapada\*\* vi**

As práticas desenvolvidas na construção do Projeto Chapada (PC) tinham um desafio: contribuir efetivamente com o diálogo produtivo entre a comunidade escolar e as políticas públicas na busca de soluções para o problema do fracasso escolar? As Metodologias não Convencionais assumem um papel “vital” na elaboração do Projeto Chapada, que teve como princípio “propiciar o conhecimento interativo, valorizando as competências reais dos sujeitos envolvidos em cada processo (...) mobilizando na esfera pública toda a riqueza do humano.” (Giannella, 2008, p.12).

A fase inicial durou 1 ano e mobilizou a participação de instituições e parte da população em uma região de pouca experiência democrática. Ocorreram 11 encontros, um a cada mês, durante um ano. Todos tinham como atividade, discutir com a comunidade escolar cada um dos pontos de encontros e desencontros elencados em nossas reuniões. Nesse percurso de construção a metodologia baseava-se no “diálogo produtivo”, ou seja, antes, durante e após cada reunião, definíamos qual a pauta do encontro, o que “imaginávamos para o mesmo” e como seguiríamos dando continuidade. Os diálogos estabelecidos procuravam incluir as idéias e sentimentos que emergiam no momento. Em um cenário que compreendia uma diversidade de organizações: secretarias municipais de educação, associações locais, educadores, conselhos municipais, e comunidades, a aposta foi na profunda escuta do outro. Dito de outra forma na “escuta ativa” (SCLAVI, 2000; GIANNELLA e MOURA, 2009). Uma das atividades era promover o *silêncio reflexivo*. Quando questões se acirravam e as disputas das vaidades encontravam o cenário fértil para sua propagação, instituímos a possibilidade de respirarmos e encontrarmos um instante de silêncio para voltarmos a alinhar nossas idéias e percepções. As atividades pedagógicas do Projeto Chapada se construíam dialogando com o “belo”, com os corpos e através do encontro com o Ser. Esse percurso apontava um freqüente desafio: como aprender a lidar com competência com o saber do outro, o fazer do outro, sabendo que, nem sempre, as perguntas ou ações dele são as que você gostaria que fossem?

O que significa que mesmo não concordando com o outro, se chegamos a um consenso coletivo, posso abrir mão da minha “pessoal” vontade tendo em vista que o todo chegou em um lugar que também soube incluir a minha discordância.

#### **3.1. Da escuta à produção de conhecimentos**

No estabelecimento dessas redes e processos de reflexão, a prática da escuta<sup>vii</sup> remete ao referencial das metodológicas não convencionais, na medida em que favorece a inclusão do outro.

A escuta do outro me coloca no limiar do «meu mundo particular» e frente um mundo em que valem outras regras e valores, cujas coisas fazem sentido graças a experiências e premissas implícitas diferentes das minhas. Finalmente, tenho a chance de desvendar as minhas próprias premissas implícitas, mesmo porque me bato nas do outro que está diante de mim. Na escuta do outro, uma vez assumido o desafio de colocar entre parênteses as minhas certezas e de adotar o ponto de vista de quem estou escutando, abre-se a possibilidade de enxergar outros mundos possíveis (GIANNELLA, MOURA, 2009, p. 38).

As Ações formativas e mobilizadoras trouxeram resultados significativos no cenário da educação dessa região, o discurso dos professores passou por uma transformação mostrando uma apropriação de conhecimentos relativos à sua profissão com maior valorização dela pelo que sabe e faz. Um aumento da participação dos pais que repercutiu na criação de grupos informais (em Novo Horizonte e Seabra) para acompanhar e avaliar os resultados nas escolas da aprendizagem dos estudantes. Um ponto de destaque é o quanto aprendemos juntos da capacidade de se expressar e gerenciar conflitos. Outros resultados, quantitativos, se expressam na redução do índice de evasão escolar (de 15% em 2000 para 6% em 2006), aumento significativo de crianças concluindo a alfabetização inicial (de 30% em 2000 para 70% em 2007) e no ano de 2007, um dos municípios da rede, Boa Vista do Tupim, obteve o melhor Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da Bahia (IDEB).

## **5. A ASA no contexto do Projeto Gente de Valor - uma Política Pública Estadual \*\*\***

No âmbito das Políticas Públicas Estaduais, os órgãos governamentais estão reconhecendo a validade metodológica de intervenções feitas pelos movimentos populares, o que demonstra uma interessante capacidade de aproveitar a inteligência social do território. A ASA - Articulação no Semi-árido - é um exemplo disso<sup>viii</sup>. Ao estabelecer parceria com a ASA, as Políticas Públicas se apropriam de uma perspectiva metodológica, como vem sendo feito pelo Projeto Gente de Valor<sup>ix</sup>, que se utiliza de uma Tecnologia Social<sup>x</sup> sistematizada pela ASA e adota implicitamente o referencial das Metodologias não Convencionais.

Uma das premissas das MnC é a valorização do sujeito como parte integrante e importante dos processos, no trato dos problemas e busca das soluções. Os contextos onde são construídas as cisternas são complexos: realidades historicamente excluídas e “criadas” na dependência de poderes externos e alheios. O acesso à água circunscreve-se como um problema multidimensional que diz respeito a aspectos políticos, culturais e econômicos, que se desdobram em âmbitos individuais e coletivos. Por isso, diferentes significados são mobilizados quando as cisternas são construídas através de uma ação pedagógica pelos moldes da ASA, que se preocupa em envolver e mobilizar as famílias na construção, diferentemente de um processo exclusivamente técnico, em que se executa a obra física através da contratação de pedreiros, pela ação de empreiteiras. A cisterna é um pote de água, mas pode ser também possibilidades de diálogo. E é isto que a ASA propõe através de um conjunto de ações que inclui a construção das cisternas, mas não se limita a ela. O Programa de Convivência com o Semi-árido da ASA se propõe a mudar uma mentalidade arraigada de combate à seca através de práticas de *convivência* com o Semi-árido que inclui o manejo do solo, o reflorestamento e o uso adequado da água.

A perspectiva de construção da ASA é coletiva e participativa e desconstrói, por exemplo, a idéia corrente nas comunidades de que o “Governo está dando uma cisterna” ou de que “a cisterna é do Governo”. Nos Cursos de Gerenciamento de Recursos Hídricos da ASA, a co-responsabilidade do Poder Público e de cada cidadão é evidenciada, e as famílias são convocadas a contribuir com a alimentação e o alojamento dos pedreiros e a auxiliá-los cooperando na tarefa de construção física do reservatório. Isto faz a diferença, constrói identidades e relações de cuidado necessárias entre a família e a cisterna que precisará ser zelada para garantir a durabilidade e a qualidade da água. Quando esses significados são construídos coletivamente, eles se tornam conhecimento e sabedoria e se instala o sentido da obra na vida das pessoas, contrapondo-se a uma visão das cisternas como “algo estranho, uma invasão no quintal”.

Quando as famílias se juntam, cria-se um novo sentido de sociabilidade, de relações interculturais de reconhecimento, de respeito e de solidariedade. Nestes encontros procura-se integrar e mobilizar as famílias com brincadeiras e atividades corporais, lembrando histórias e canções conhecidas por todos e incluindo-as no processo de planejamento e execução das atividades, seja ao ajudar na arrumação do espaço ou no preparo da comida que será servida. Assim, através de momentos lúdicos e prazerosos, compartilhando e reconstruindo um imaginário coletivo, se consolida o pertencimento a uma cultura e se promove uma percepção de cada cidadão como sujeito ativo, com uma própria responsabilidade na política de gestão da água e de



convivência com a seca. Eis as premissas e o fundamento para que as comunidades possam tomar em suas próprias mãos as possibilidades de um novo desenvolvimento.

Os sentidos e significados no processo de construção da ASA constituem perspectivas políticas, religiosas, culturais e econômicas importantes para o desenvolvimento das comunidades, por valorizarem o humano, as tradições e os valores de cada lugar. Essa é uma forma diferenciada de promover o desenvolvimento local e comunitário por reconhecer que na articulação de elementos e pessoas novas formas de sociabilidade são criadas.

## **6. Conclusões**

Neste artigo apresentamos as Metodologias não Convencionais enquanto abordagem que assume como fundamento das práticas participativas em Gestão Social uma crítica da visão paradigmática positivista (TENÓRIO, 1998), e o esforço de reconstrução de um novo marco teórico e de metodologias com ele coerentes. As MnC preconizam a reunião entre a dimensão racional, emotiva, intuitiva e corporal, dentro dos processos participativos como estratégia que nos permitirá preencher o hiato hoje existente entre as declarações de princípio e as práticas realmente realizadas no campo.

Foram sucintamente relatadas duas políticas que se caracterizam pela obtenção de resultados significativos na qualidade da educação pública pelo Projeto Chapada e na gestão das águas no semi-árido a partir da construção de cisternas pela ASA. Tais resultados são fruto, inequivocamente, do alto nível de participação físico anímico, objetivo subjetivo, intelectual sensorial, proporcionado pela metodologia escolhida para possibilitar a superação coletiva dos problemas encontrados. Em ambos os casos, a utilização de MnC garantiu a efetividade do discurso sobre participação, reduzindo lacunas entre o discurso e a realização das ações políticas. Nessas ações encontramos atores oriundos das mais variadas instâncias sociais: poder público, sociedade civil organizada, pessoas inseridas em suas famílias, professores; que acumulam saberes e experiências diferentes, porém igualmente importantes. Notamos que os resultados apresentados não ocorreriam se a abordagem metodológica fosse outra: que não considerasse a inclusão integral dos sujeitos e a valorização de todas suas capacidades e sentidos, sem distinção.

No entanto, a beleza desta abordagem não desmerece a necessidade da organização funcional e da competência técnica e só pede para integrá-las com uma visão mais ampla e holística do processo complexo que é a mobilização de contextos e inclusão de sujeitos. Aliás, tanto na atuação da ASA quanto do Projeto Chapada foram encontrados caminhos para a expressão artístico-cultural, a expressão da corporalidade, a expressão do diálogo e da resolução de conflitos

através do silêncio, resultando na materialidade positiva dos objetivos esperados, no sucesso das ações previstas. Sucesso que outros similares, muito logicamente elaborados, aparentemente perfeitos cartesianamente, não sempre conseguem lograr, perdendo-se no vazio do esquecimento ou na fria concretude da obra que não inclui os sujeitos e não os faz pensar, desejar e construir o desenvolvimento comunitário.

## Referências

- ALVES, Rubem. **Escutatória**. [s.l.]: 2005. Disponível em: <http://ouvidoria.petrobras.com.br/PaginaDinamica.asp?Grupo=254&Publicacao=320&APRES=PUBL> . Acesso em: 20 abr. 2008.
- \_\_\_\_\_ A complicada arte de ver. **Jornal Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 out. /2004 Disponível em: <[http://www.ibdd.org.br/html/ibdd\\_cd\\_artigo92.asp](http://www.ibdd.org.br/html/ibdd_cd_artigo92.asp)> Acesso em: 24 nov. 2008.
- ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional: novas estratégias**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- ARTICULAÇÃO do Semi-Árido Brasileiro (ASA). **Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semi-árido: Um milhão de Cisternas Rurais** (P1MC). Pernambuco, 2002
- BARON, Dan. **Alfabetização cultural: a luta íntima por uma nova humanidade**. São Paulo: Alfarrábio, 2004.
- BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology**. Chicago: University Of Chicago Press, 2000.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
- CARVALHO, Alex; et al. O que é metodologia científica In: Aprendendo metodologia científica. São Paulo: **Nome da Rosa**, 2000, p. 11-69. Disponível em:<[http://www.esnips.com/doc/67228e71-0deb-4263-91fe-1697ee357045/ec43ea4fMetodologia\\_pesquisa](http://www.esnips.com/doc/67228e71-0deb-4263-91fe-1697ee357045/ec43ea4fMetodologia_pesquisa)> Acesso em: 09 nov. 2008.
- CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia. **Alguns Ousam Chamar de Poder** In: CALDAS, Michel;FACHIN, Roberto; FICHER, Tania (org.). *Handebook de estudos organizacionais: modelo de análise e novas questões em estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas, 2001.v.2.
- DAMASIO, Antônio, R. **O erro de descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DAVEL, Eduardo; VERGARA, Sylvia. Gestão com pessoas, subjetividade e objetividade nas organizações. In: DAVEL, Eduardo; VERGARA, Sylvia (Org.). **Gestão com pessoas e subjetividade**. São Paulo: Atlas, 2001.
- \_\_\_\_\_ GHADIRI, Djahanchah Philip. **Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2007.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- FORTUNA, Tânia Ramos. Formando professores na universidade para brincar. In: SANTOS, Santa Marli P.dos (Org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis: Vozes, 2001, p.116.
- GIANNELLA, Valéria. Base teórica e papel das metodologias não convencionais para a formação em gestão social. In: CANÇADO, Airton, Cardoso et al. (org.). **Os desafios da formação em gestão social**. Palmas/TO: II ENAPEGS, 2008.
- \_\_\_\_\_ O nexo pesquisa-ação: qual conhecimento para que políticas. In: Carrizo, Luis (ed.), **Gestión local del desarrollo y lucha contra la pobreza: aportes para el fortalecimiento de la investigación y las políticas em América Latina**. p. 95-112. Montevideo: Manuel Caballa editor, 2007.
- \_\_\_\_\_ Maria Suzana Moura. **Gestão em rede e metodologias não convencionais para a gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2009
- GONÇALVES, Anadete Reis.; WOLFF, Luciano (col.), **Água de Chuva: o segredo da convivência com o semi-árido brasileiro**. Cáritas Brasileira, Comissão Pastoral da Terra, Fian Brasil. São Paulo: Paulinas, 2001.

- LEONARD, Patrick; **Comunicação**: escuta ativa. Disponível em:  
<<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=17927&cat=Artigos&vinda=S>> Acesso em: 07 jan. 2009.
- LACERDA, Patricia. **Avaliação externa Projeto Chapada**, disponível em arquivos impressos do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa. RJ, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MARIOTTI, Humberto. **Diálogo**: um método de reflexão conjunta e observação compartilhada da experiência. São Paulo., 2001, Disponível em:
- <<http://www.geocities.com/pluriversu/dialogo.html>>. Acesso em: 09 de jan-2009.
- \_\_\_\_\_ **O automatismo concordo-discordo e as armadilhas do reducionismo**. 2000. Disponível em:  
<<http://www.geocities.com/pluriversu/concdisc.html>>. Acesso em: 09 de jan. 2009.
- \_\_\_\_\_ **As paixões do ego**: complexidade, política e solidariedade. São Paulo, Palas Athena, 2000.
- MEIRELLES, Cristina , **Rede de aprendizagem: a experiência do Projeto Chapada**, arquivos do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa, versão em conclusão. São Paulo, 2007
- MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino. **SentiPensar, fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- PRIGOGINE, Ilya, Pensar a complexidade: o fim da certeza. In: MENDES, Candido (Org.) **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2003. Disponível em:
- <[http://books.google.com.br/books?id=XoW91zMYSUC&pg=PA3&lpg=PA3&dq=CANDIDO+MENDES+\(ORG.\)ENRIQUE+LARRETA+\(ED.\)+Representa%C3%A7%C3%A3o+e+Complexidade&source=bl&ots=dZP0-egkRo&sig=0yXjvaERZCI-hnXXMDQMTvnB4Tc&hl=pt-BR&sa=X&oi=book\\_result&resnum=2&ct=result#PPA45,M1](http://books.google.com.br/books?id=XoW91zMYSUC&pg=PA3&lpg=PA3&dq=CANDIDO+MENDES+(ORG.)ENRIQUE+LARRETA+(ED.)+Representa%C3%A7%C3%A3o+e+Complexidade&source=bl&ots=dZP0-egkRo&sig=0yXjvaERZCI-hnXXMDQMTvnB4Tc&hl=pt-BR&sa=X&oi=book_result&resnum=2&ct=result#PPA45,M1)> Acesso em: 08 jan. 2009.
- TENÓRIO, Fernando G. Gestão social: uma perspectiva conceitual. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, FGV, v. 32, n.5, p.7- 23, Set.- Out.1998.
- RUAS, Roberto. Literatura, dramatização e formação gerencial: a apropriação de práticas teatrais ao desenvolvimento de competências gerenciais. **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 32, 2005, p. 121-142.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, **Um discurso sobre as ciências**. Cortez Editora, S. Paulo, 1987.
- SCLAVI, Marianella. **Arte di ascoltare e mondi possibili**. Milano: Le Vespe, 2000.
- SOUZA, Manoela, Paola, L.. **Resistência: um recurso de conhecimento para a libertação**. UDESC, Centro de Artes, CEART, Dep. de Artes Cênicas, monografia final de curso. Florianópolis, 2000.
- VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **Mente incorporada: Ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

---

## NOTAS

<sup>i</sup> Neste artigo as três autoras fizeram a escolha de escrever usando a primeira pessoa do verbo, achando essa postura mais adequada à visão epistemológica endossada e, ao mesmo tempo, à tarefa de relatar casos vivenciados diretamente por duas delas. Como mecanismo de atribuição, declararemos a autoria no começo dos parágrafos. No entanto queremos afirmar que, apesar da escolha de ressaltar a individualidade de quem escreve, as teses sustentadas no artigo são consensuais entre as autoras e norteiam suas práticas.

<sup>ii</sup> Isto é, não assumem que a técnica seja a única forma válida de acesso ao conhecimento do mundo.

<sup>iii</sup> Chamamos de interativo o conhecimento que se origina pela própria interação e troca de saberes e informações entre sujeitos diferentes. Exemplo disso é qualquer trabalho de grupo que vise à análise e tratamento de problemas com base nos conhecimentos específicos dos participantes.

- 
- <sup>iv</sup> Conforme nosso argumento o fato dessas técnicas serem hoje de uso comum não significa que exista uma adequada consciência epistemológica e a capacidade de praticá-las de acordo com um novo referencial teórico.
- <sup>v</sup> Inúmeros autores analisam esta virada paradigmática. Entre os muitos possíveis veja: Duarte (2006), Baron (2004), Prigogine (2003), Varela (2003), Bateson (2000), Carvalho (2000), Sclavi (2000), Maffesoli (1998), Santos (1987).
- <sup>vi</sup> O Projeto Chapada nasceu da minha percepção da gravidade do problema educacional na região e da necessidade de fazer algo para revertê-lo. Uma crença inabalável na capacidade de transformação. Em 1997 foi iniciado o Programa de Apoio e Auxílio ao Professor: Agentes de Educação, que tinha como objetivo formar professores da zona rural do município de Palmeiras, com a ajuda do Programa Crer para Ver – à época parceria da Natura Cosméticos com Fundação Abrinq. Seus bons resultados (redução em 80% no índice de evasão e de 70% no índice de repetência), levaram a transformar a iniciativa em um projeto piloto que foi levado como proposta para os municípios da 27ª Diretoria de Educação Regional (DIREC 27) e resultou na construção conjunta do Projeto Chapada.
- <sup>vii</sup> Em nosso caso a prática da escuta aconteceu de forma intuitiva e sem um repertório teórico a respeito da técnica. Para algumas referências teóricas veja, Giannella, Moura (2009).
- <sup>viii</sup> Há 40 anos a ASA vem trabalhando e mobilizando a solidariedade nacional e internacional em favor da construção de cisternas caseiras, uma alternativa política e social de armazenamento da água de chuva que resulta na melhoria da vida da população rural.
- <sup>ix</sup> O Gente de Valor é um Projeto da Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional, do Governo do Estado da Bahia, que tem como objetivo reduzir significativamente os níveis de pobreza e extrema pobreza das comunidades rurais do semi-árido do Estado da Bahia – municípios com os mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano do Estado. A autora acompanhou a construção de cisternas de placas, no período de outubro de 2007 a abril de 2008, na função de Técnica de Desenvolvimento Humano e Social do Projeto.
- <sup>x</sup> A Rede de Tecnologia Social (RTS) define Tecnologia Social a que compreende produtos, técnicas e/ou metodologias replicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que represente efetivas soluções de transformação social. Neste caso trata-se da construção de cisternas caseiras, como estratégia que, através do armazenamento da água de chuva, alude a um diverso modelo de desenvolvimento territorial e resulta na melhoria imediata da vida da população rural.
-